



PLANTANDO SEMENTES, COLHENDO PALAVRAS: INTERSEÇÕES ENTRE A LÍNGUA PORTUGUESA E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Ilma Marques Obando¹

RESUMO

A interseção entre língua portuguesa e educação ambiental oferece uma oportunidade para ampliar a compreensão dos alunos sobre questões ecológicas, incentivando a reflexão crítica e o diálogo sobre sustentabilidade, preservação ambiental e a relação entre linguagem e conscientização ecológica. Dessa forma, este artigo almeja ressaltar a importância de uma abordagem transdisciplinar, sugerindo que a conexão da Língua Portuguesa com a Educação Ambiental pode não apenas enriquecer o aprendizado dos alunos, mas também contribuir para uma consciência mais ampla e comprometida com a preservação do meio ambiente. Assim, ao unir esses domínios aparentemente distintos, este estudo destaca a relevância de abordar questões ambientais no ensino da língua portuguesa, mostrando como a conscientização ambiental pode ser promovida através da leitura, da escrita e da comunicação verbal. Além disso, defende-se que a escola deve explorar estratégias pedagógicas para desenvolver habilidades linguísticas enquanto se discute e se engaja com temas ecológicos.

Palavras-chave: Educação Ambiental; Língua Portuguesa; Transdisciplinaridade.

ABSTRACT

The intersection of Portuguese language and environmental education provides an opportunity to broaden students' understanding of ecological issues, encouraging critical reflection and dialogue on sustainability, environmental preservation, and the relationship between language and ecological awareness. Thus, this article aims to highlight the importance of a transdisciplinary approach, suggesting that the connection of the Portuguese language with Environmental Education can not only enrich students' learning, but also contribute to a broader awareness committed to the preservation of the environment. Thus, by uniting these apparently distinct domains, this study highlights the relevance of addressing environmental issues in Portuguese language teaching, showing how environmental awareness can be promoted through reading, writing, and verbal

¹ Mestra em Ciências e Meio Ambiente, pela Universidade Federal do Pará. Especialista em Língua e Literatura pela UNESCO. Graduada em Letras pela Universidade Federal do Amazonas (1995), É professora da Universidade do Estado do Amazonas, no Centro de Estudos Superiores de Tabatinga, desde 2006 e a partir de 22/04/2010 faz parte do quadro efetivo, atuando nas disciplinas de Leitura e Produção Textual I e II; Metodologia do Ensino e Aprendizagem da Língua Portuguesa; Língua Portuguesa na Educação Infantil e Anos Iniciais; Linguística Aplicada à Educação; Sintaxe da Língua Portuguesa; Teoria e Prática de Leitura; Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa e da Literatura; Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental; Estágio Supervisionado no Ensino Médio; Pesquisa e Produção Acadêmica em Letras II e III, Literatura infantojuvenil. Atuou também como professora de Língua Portuguesa e Linguística Aplicada na Plataforma Freire - UFAM, Fundamentos de Língua Portuguesa e Linguística Aplicada à educação e Metodologia do Ensino e Aprendizagem da Língua Portuguesa pela Plataforma Freire - UEA. É professora aposentada da Secretaria de Estado da Educação e Qualidade do Ensino-AM (SEDUC) iniciou seus trabalhos em 1986 atuando no ensino de Língua Portuguesa e Literatura no Ensino Fundamental e Médio. Atualmente é Coordenadora de Estágio do Curso de Letras, Membro do Núcleo Docente Estruturante, Membro da Comissão de Eventos; Planejamento e Atendimento e Membro da Comissão de Educação Indígena do Centro de Estudos Superiores de Tabatinga-AM



communication. In addition, it is argued that the school should explore pedagogical strategies to develop language skills while discussing and engaging with ecological issues.

Keywords: Environmental Education; Portuguese Language; Transdisciplinarity.

“Inteligência é a habilidade das espécies para viver em harmonia com o meio ambiente.”

(Paul Watson)

INTRODUÇÃO

A interligação entre a língua que falamos e o ambiente que habitamos é uma conexão profundamente enraizada em nosso cotidiano. A língua portuguesa, além de ser uma ferramenta de comunicação, é um reflexo da nossa interação com o mundo ao nosso redor, moldada por nossa relação com o ambiente, suas características e desafios.

Por outro lado, a Educação Ambiental emerge como um campo vital na conscientização e preservação dos recursos naturais, na compreensão das complexidades e na promoção de uma relação mais sustentável entre a humanidade e o meio ambiente, pois o “[...] reconhecimento da gravidade dos problemas ambientais, que estes são decorrência de um modelo de desenvolvimento econômico de forte impacto ambiental e que a Educação Ambiental é uma importante ação para a superação destes problemas” (GUIMARÃES, 2016, p. 14).

Neste contexto, este artigo propõe uma análise aprofundada das interseções entre a língua portuguesa e a educação ambiental, destacando como a linguagem, a comunicação e as práticas educativas podem se unir em prol de um ensino mais transdisciplinar, reflexivo e comprometido com a preservação do meio ambiente. Sendo assim, objetiva, principalmente, ressaltar a importância de uma abordagem transdisciplinar, sugerindo que a conexão da Língua Portuguesa com a Educação Ambiental pode não apenas enriquecer o aprendizado dos alunos, mas também contribuir para uma consciência mais ampla e comprometida com a preservação do meio ambiente.

Ao explorar essa interconexão, busca-se não apenas entender como a língua portuguesa pode ser uma ferramenta eficaz para transmitir conceitos ambientais, mas também como a conscientização ecológica podem enriquecer e



aprofundar a compreensão linguística dos indivíduos. Ainda, cabe considerar que a BNCC recomenda que os temas sensíveis à sociedade, como a educação ambiental, sejam alinhados “[...] preferencialmente, de maneira transversal e integradora” (BNCC, 2017, p. 19).

Esta investigação não se limita apenas à análise superficial das palavras ou terminologias relacionadas ao meio ambiente, mas adentra o âmago da linguagem, examinando como a comunicação pode ser um veículo para a reflexão crítica, a expressão de valores ecológicos e a promoção de práticas sustentáveis.

Por meio desta pesquisa, almeja-se oferecer contribuições teóricas valiosas sobre como a língua portuguesa pode se tornar um aliado poderoso na disseminação de ideias e práticas que visam a preservação ambiental, estimulando não apenas a expressão linguística, mas também a conscientização e a ação em prol de um mundo mais sustentável.

LINGUAGEM E PRÁTICAS EDUCATIVAS NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

A interseção entre linguagem e práticas educativas na Educação Ambiental desempenha um papel crucial na construção de um diálogo significativo e na compreensão aprofundada das questões ambientais. A linguagem não se limita apenas à transmissão de informações; é uma ferramenta dinâmica que molda nossa percepção e relação com o meio ambiente.

A linguagem desempenha um papel essencial na sensibilização ambiental. Ela não apenas facilita a transmissão de conhecimento sobre questões ecológicas, mas também influencia a forma como os indivíduos interpretam, internalizam e respondem a essas informações. A escolha de palavras, metáforas e narrativas pode desempenhar um papel fundamental na criação de conexões emocionais e na motivação para ações pró-ambientais.

De modo elucidativo, as competências específicas de linguagens, constantes na BNCC para o Ensino Fundamental, no item 4, relatam que os estudantes deverão ser capazes de:



Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo (BNCC, 2017, p. 07).

Desse modo, a integração da linguagem e das práticas educativas na Educação Ambiental envolve uma abordagem interdisciplinar. Não se trata apenas de transmitir informações sobre o meio ambiente, mas de promover uma compreensão mais profunda por meio da conexão entre diversas disciplinas. A linguagem atua como uma ponte entre os diversos campos do conhecimento, permitindo uma visão holística das questões ambientais.

Em linha com essas percepções, segundo Santos Jr. e Nunes (2007):

O ser humano necessita de vínculos coletivos que o liguem à sua história, bem como a terra. Em tempos de velocidade, de desencantos e perda de solidariedade, um sentido de comunidade, que pressupõe relações face a face e encontros “inter-humanos”, baseados no outro a partir de sua alteridade, é cada vez mais urgente. Com todas as potencialidades, desafios e ambiguidades que possam carregar (SANTOS Jr.; NUNES, 2007, p. 63).

Ademais, conforme destaca Mészáros (2002), as práticas educativas na Educação Ambiental visam desenvolver habilidades de comunicação e pensamento crítico nos alunos. Através de debates, redações, projetos colaborativos e discussões, os estudantes são incentivados a expressar suas opiniões, a questionar, a debater e a analisar criticamente questões ambientais. Isso promove não apenas a fluência linguística, mas também a capacidade de analisar e resolver problemas ambientais complexos.

A utilização de narrativas e experiências pessoais enriquece as práticas educativas na Educação Ambiental. Histórias, testemunhos e experiências vividas podem criar conexões emocionais mais profundas com os temas ambientais, incentivando a empatia e a identificação com as questões tratadas, além de inspirar ação e mudança de comportamento. Isso por que a questão é de ordem governamental, já que conforme dispõe a Constituição Federal de 1988, Artigo 225, em seu parágrafo VI atesta que se deve “Promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente” (BRASIL, 1988, art. 225).



As práticas educativas na Educação Ambiental não se limitam ao ambiente escolar. Elas se estendem ao envolvimento comunitário, encorajando os alunos a aplicarem seus conhecimentos em ações práticas e projetos de impacto ambiental. Isso cria uma oportunidade para a aplicação da linguagem como um instrumento de mobilização social e para a promoção de mudanças positivas no ambiente local e global, pois é imperioso que os estudantes se imbriquem com o meio ambiente para ter um “[...] sentido de pertencimento e convivência com a natureza” (TIRIBA, 2018).

Por fim, esta seção destaca a importância da linguagem e das práticas educativas integradas na Educação Ambiental, evidenciando como esses elementos podem ser eficazes na sensibilização, desenvolvimento de habilidades e engajamento dos alunos com questões ambientais.

O ELO AMBIENTAL: CONCEITUANDO A TRANSDISCIPLINARIDADE

A transdisciplinaridade na Educação Ambiental representa um movimento para além das fronteiras disciplinares convencionais, buscando uma abordagem mais holística e integrada para compreender e abordar as questões ambientais. Este paradigma transcende a abordagem fragmentada do conhecimento disciplinar, buscando a união entre diferentes campos de estudo, ideias e práticas (LEFF, 2001).

Neste estudo, entendemos a transdisciplinaridade como uma abordagem que ultrapassa os limites das disciplinas acadêmicas tradicionais, buscando uma compreensão global e integrada de fenômenos complexos. Ela vai além da multidisciplinaridade, que envolve a combinação de várias disciplinas em um mesmo estudo, e da interdisciplinaridade, que implica na interação entre diferentes disciplinas.

Sobre isso, Leff (2001) complementa que:

A transdisciplinaridade pode ser definida como um processo de intercâmbio entre diversos campos e ramos do conhecimento científico, nos quais uns transferem métodos, conceitos, termos e inclusive corpos teóricos inteiros para outros, que são incorporados e assimilados pela disciplina importadora, induzindo um processo contraditório de avanço/retrocesso do conhecimento, característico do desenvolvimento das ciências (LEFF, 2001, p. 83).



Assim, a transdisciplinaridade não se limita à simples integração de disciplinas existentes, mas procura criar um espaço onde os limites entre elas se tornam fluidos. Ela promove a sinergia entre conhecimentos diversos, permitindo uma compreensão mais ampla e complexa das questões ambientais, ao invés de analisá-las isoladamente por meio de uma única disciplina.

Uma das características marcantes da transdisciplinaridade é a busca por uma compreensão global e contextualizada das questões ambientais. Ela considera não apenas os aspectos científicos, mas também os aspectos sociais, culturais, éticos e econômicos que permeiam os desafios ecológicos. Essa abordagem procura compreender os problemas ambientais em um contexto mais amplo, incluindo suas inter-relações e impactos multifacetados.

Para Vieira (1995), a transdisciplinaridade na Educação Ambiental incentiva a colaboração e o diálogo entre especialistas de diferentes campos. Ela reconhece que a resolução de problemas ambientais complexos requer a contribuição de diversas áreas do conhecimento, estimulando um ambiente de troca de ideias, aprendizado mútuo e construção coletiva de soluções.

Ao abraçar a transdisciplinaridade, a Educação Ambiental valoriza a complexidade e a diversidade de abordagens para lidar com os desafios ambientais. Ela reconhece que não há uma única resposta ou solução para questões ecológicas complexas, incentivando a exploração de diferentes perspectivas, métodos e conhecimentos para encontrar caminhos inovadores e sustentáveis (BRANCO, 1995).

Apesar de suas potencialidades, a implementação da transdisciplinaridade na Educação Ambiental enfrenta desafios, incluindo a resistência a mudanças nos sistemas educacionais tradicionais, a necessidade de desenvolver métodos de avaliação adequados e a integração efetiva de conhecimentos diversos.

EDUCAR DE MODO CONSCIENTE E COMPROMETIDO COM A PRESERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE

Educar de modo consciente e comprometido com a preservação do meio ambiente é um imperativo ético e uma necessidade urgente diante dos desafios



ambientais contemporâneos. Essa abordagem educacional transcende a mera transmissão de conhecimentos sobre questões ambientais e busca, primordialmente, formar cidadãos críticos, engajados e responsáveis.

Em relação a isso, Perrenoud (2000) diz que:

[...] as intenções de formação confundem-se com as exigências da vida cotidiana. Lutar contra os preconceitos e as discriminações sexuais, étnicas e sociais na escola não é só preparar para o futuro, mas é tornar o presente tolerável e, se possível, fecundo (PERRENOUD, 2000, p. 147).

O cerne dessa forma de educação é a conscientização. Não se limita a informar, mas a despertar a consciência dos indivíduos sobre a interdependência entre seres humanos e natureza, os impactos das ações humanas no meio ambiente e a importância da preservação dos recursos naturais para as gerações presentes e futuras, já que a escola deve prover “[...] ações de intervenção para melhorar a qualidade de vida individual, coletiva e socioambiental” (BNCC, 2017, p. 321).

Educar de modo consciente envolve estabelecer uma relação mais íntima e respeitosa com a natureza. Isso inclui a promoção de atividades práticas, como experiências ao ar livre, contato com ambientes naturais e práticas de conservação. Essas experiências tangíveis criam uma ligação emocional e afetiva, incentivando atitudes mais responsáveis e cuidadosas em relação ao meio ambiente.

Em relação a isso, Freire (1979) assente que:

A conscientização implica, pois, que ultrapássemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica (FREIRE, 1979, p. 15).

Dessa forma, a educação consciente e comprometida não apenas informa, mas também incentiva a reflexão crítica. Encoraja os estudantes a questionarem, a analisarem criticamente as questões ambientais e a buscar soluções inovadoras. Promove o pensamento criativo e estratégico para enfrentar desafios ambientais complexos, estimulando a busca por alternativas sustentáveis.

Um dos pilares fundamentais dessa abordagem é a construção de uma consciência ética e de responsabilidade socioambiental, visto que a “[...]”



educação, o “entre” o aprender e o ensinar, [...] se tornou parte orgânica do viver cotidiano, de cada um que nele [...] se envolveu (SANTOS JR.; NUNES, 2007, p. 64).

Dito isso, educar de modo consciente implica em desenvolver valores éticos que promovam ações em prol da preservação ambiental, estimulando comportamentos responsáveis, como a redução do consumo, o descarte consciente e a busca por estilos de vida mais sustentáveis.

Portanto, essa forma de educação não se limita à sala de aula, mas busca promover uma transformação social. Encoraja o engajamento comunitário, a colaboração entre escolas, famílias e comunidades para implementar ações que visem à preservação do meio ambiente, fomentando uma cultura de cuidado e responsabilidade ambiental em todos os níveis da sociedade.

BNCC, LÍNGUA PORTUGUESA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no contexto da Língua Portuguesa oferece um terreno fértil para a integração de conteúdos e práticas da Educação Ambiental. A BNCC não apenas delinea os objetivos e habilidades essenciais a serem desenvolvidos em Língua Portuguesa, mas também abre espaço para a abordagem de temáticas transversais, como a sustentabilidade e a preservação do meio ambiente.

Nesse ponto, as diretrizes propostas evidenciam que se deve:

Construir argumentos com base em dados, evidências e informações confiáveis e negociar e defender ideias e pontos de vista que promovam a consciência socioambiental e o respeito a si próprio e ao outro, acolhendo e valorizando a diversidade de indivíduos e de grupos sociais, sem preconceitos de qualquer natureza (BNCC, 2017, p. 324).

A BNCC, ao definir os objetivos de aprendizagem em Língua Portuguesa, permite a inserção de temas ambientais, possibilitando a abordagem de textos, discussões e práticas linguísticas que se relacionam com questões ecológicas. Isso inclui a leitura e produção de textos que abordem a importância da preservação ambiental, a reflexão sobre impactos socioambientais e o desenvolvimento de competências comunicativas relacionadas à defesa do meio ambiente.



Ainda, conforme destaca Veiga-Neto (2014):

Questões tais como consciência ecológica, preservação do planeta, minimização dos partidarismos, segurança, respeito às diferenças etnoculturais, atenção às necessidades locais, sustentabilidade e antiutilitarismo constam nas agendas da ecopolítica. Além disso, quase sempre é explícito o acento ético dos discursos ecopolíticos, com defesas candentes a favor de uma nova ética planetária que submeta os interesses econômicos (do capitalismo) aos interesses sociais (VEIGA-NETO, 2014, p. 40).

Ademais, a BNCC propõe o desenvolvimento de competências como a interpretação textual, a argumentação e a reflexão crítica, habilidades essenciais para a compreensão e ação diante de questões ambientais. Através da análise de textos, debates e produção escrita, os estudantes podem desenvolver a capacidade de refletir sobre desafios ambientais, bem como propor soluções e ações voltadas para a preservação do meio ambiente. Isso por que as ações educativas devem se ordenar “[...] numa primeira aproximação bem ampla, atualmente compreendemos a ecopolítica como o conjunto de políticas orientadas para o controle da vida no ambiente, no nível planetário” (VEIGA-NETO, 2014, p. 40).

O documento incentiva a interdisciplinaridade e a transversalidade dos conteúdos, o que permite a conexão entre disciplinas e a abordagem integrada de temas, incluindo a Educação Ambiental. Dessa forma, a Língua Portuguesa pode ser um veículo para a discussão de questões ambientais, estabelecendo conexões entre diferentes áreas do conhecimento e promovendo uma visão mais abrangente e contextualizada sobre o tema, visto que “[...] meio ambiente é múltiplo em qualidades socioculturais; não há ambiente sem sujeito” (ACSELRAD, 2005, p. 220).

Conforme aponta Morin (1987):

[...] todo acontecimento cognitivo necessita da conjunção de processos energéticos, elétricos, químicos, fisiológicos, cerebrais, existenciais, psicológicos, culturais [...] individuais, coletivos, pessoais, transpessoais e impessoais, que se encaixam uns nos outros. O conhecimento é, portanto, um fenômeno multidimensional, de maneira inseparável, simultaneamente físico, biológico, cerebral, mental, psicológico, cultural, social (MORIN, 1987, p. 18).



Portanto, apesar das potencialidades, a integração efetiva de temáticas ambientais na Língua Portuguesa requer a formação de professores capacitados, materiais didáticos apropriados e estratégias pedagógicas inovadoras. Também demanda um olhar crítico sobre como os conteúdos são abordados, de modo a promover a reflexão e a ação dos estudantes em relação ao meio ambiente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das interseções entre a Língua Portuguesa e a Educação Ambiental revela um potencial significativo para transformar a maneira como entendemos e nos envolvemos com as questões ecológicas. A transdisciplinarização desses campos não apenas enriquece o ensino da língua, mas também desperta uma consciência ambiental crítica e engajada nos estudantes.

A língua não é apenas um meio de comunicação, mas uma ferramenta poderosa para disseminar ideias, sensibilizar e promover mudanças. Através dela, temas ambientais se tornam acessíveis, criando espaços de diálogo e reflexão sobre a relação entre a humanidade e o meio ambiente.

A incorporação de questões ambientais no ensino de Língua Portuguesa não deve ser vista como uma adição, mas sim como uma oportunidade de ampliar horizontes, promovendo habilidades comunicativas contextualizadas, críticas e engajadas. Ao discutir textos, produzir redações e debater sobre temas ecológicos, os estudantes não apenas aprimoram suas habilidades linguísticas, mas também desenvolvem uma consciência ambiental que transcende os muros da sala de aula.

Entretanto, apesar do vasto potencial, enfrentamos desafios. A implementação efetiva dessa integração demanda não apenas o desenvolvimento de materiais pedagógicos adequados, mas também uma formação contínua de professores, a promoção de práticas interdisciplinares e a adaptação curricular para abarcar temáticas ambientais.

Ao concluirmos este estudo, é fundamental ressaltar que a transdisciplinaridade entre a Língua Portuguesa e a Educação Ambiental não se limitam a um contexto acadêmico. Elas ecoam na sociedade, impactando a forma como



nos relacionamos com o meio ambiente e nos incentivam a assumir um papel ativo na preservação e na promoção de um futuro sustentável para as próximas gerações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACSELRAD, Henri. Justiça ambiental. In: FERRARO JR., Luiz Antônio (org.). **Encontros e caminhos: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores**. MMA. Vol. 1. Brasília, 2005.

BRANCO, Murgel. Conflitos conceituais nos estudos sobre meio ambiente. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 9, n. 23, p. 217,222-233, 1995.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2017. Disponível em: < <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>>. Acesso em: 27/10/2023.

BRASIL. **Constituição** (1988). Constituição da República Federativa do Brasil: texto promulgado em 05 de outubro de 1988. Brasília: Senado Federal, 2013. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 27/10/2023.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. Cortez & Moraes. São Paulo, 1979. Disponível em < http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/paulo-freire/paulo_freire_conscientizacao.pdf>. Acesso em: 27/10/2023.

GUIMARÃES, Mauro. Por uma Educação Ambiental crítica na sociedade atual. **Revista Margens Interdisciplinar**, [S.l.], v. 7, n. 9, p. 11-22, maio 2016. ISSN 1982-5374. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/2767>. Acesso em: 27/10/2023.

LEFF, Enrique. **Epistemologia ambiental**. Editora Cortez, São Paulo, 2001.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital: rumo a uma teoria da transição**. São Paulo: Boitempo, 2002.



MORIN, Edgar. **O método 3: conhecimento do conhecimento**. Tradução: Juremir Machado da Silva. 5ª ed. 286 p. Editora Sulina. Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://www.editorasulina.com.br/img/sumarios/194.pdf>. Acesso em: 27/10/2023.

PERRENNOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Tradução Patrícia Chittoni Ramos. 192 p. Artes Médicas Sul. Porto Alegre, 2000.

SANTOS JR., Severiano Joseh; NUNES, AlbaMaria. Comunidades Educadoras: a terra como casa, a casa aberta a Terra. In: FERRARO JR., Luiz Antônio (org.). **Encontros e caminhos: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores**. MMA. Vol 2. Brasília, 2007.

TIRIBA, L. **Educação Infantil como direito e alegria: em busca de pedagogias ecológicas, populares e libertárias**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2018.

VEIGA-NETO. Alfredo José da. Ecopolítica: um novo horizonte para a biopolítica. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**. Ed. Especial Impressa - Dossiê Educação Ambiental. jan/jun, 2014. Disponível em < <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/4596/2911> > Acesso em: 27/10/2023.

VIEIRA, Paulo Freire. Meio ambiente, desenvolvimento e cidadania. In. VIOLA, Eduardo et al. (Org.). **Meio Ambiente, desenvolvimento e cidadania: desafios para as ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 1995. p. 49.